

O ADOECIMENTO DOCENTE: UM PRODUTO DO CAPITALISMO**ABÍLIA ANA DE CASTRO NETA**

Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), graduada em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB Campus XII). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/UESB) e do Grupo de Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer (AGENTE/UNEB).

E-mail: bia.gbi@hotmail.comORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7222-5116>.**BERTA LENI COSTA CARDOSO**

Doutora em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB/Brasília), pós-doutora em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/UESB) e da Linha de Estudo Pesquisa e Extensão em Atividade Física (LEPEAF).

E-mail: bcardoso@uneb.brORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7697-0423>.**CLAUDIO PINTO NUNES**

Doutor em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pós-doutor em Educação, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail:

claudionunesba@hotmail.comORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1514-6961>**RESUMO**

Este estudo apresenta uma análise sobre o processo de adoecimento dos trabalhadores docentes e sua relação com a precarização das condições e relações de trabalho, submetidos desde o início do modo de produção capitalista. Tomando como referência Marx e Engels, reflete-se como a classe trabalhadora está submetida a condições de trabalho precárias e degradantes. Essa investigação é de natureza qualitativa e os docentes investigados atuam em uma instituição pública de ensino. Diante do desenvolvimento do sistema capitalista de produção e de suas alternativas para superar as crises que o permeiam, desenvolveram-se também formas cada vez mais intensas de explorar a mais-valia – formas veladas de sofrimento e adoecimento da classe trabalhadora docente.

PALAVRAS-CHAVE: Adoecimento Docente. Síndrome de Burnout. Capitalismo. Neoliberalismo.

TEACHING DISEASE: A PRODUCT OF CAPITALISM**ABSTRACT**

This study presents an analysis of the illness process of teaching workers and its relationship with precarious working conditions and relationships, which have been submitted since the beginning of the capitalist mode of production. Taking Marx and Engels as a reference, it reflects how the working class is subjected to precarious and degrading working conditions. This investigation is of a qualitative nature and the investigated teachers work in a public educational institution. Faced with the development of the capitalist production system and its alternatives to overcome the crises that permeate it, increasingly intense ways of exploiting added value have also developed - veiled forms of suffering and illness of the teaching working class.

KEYWORDS: Teaching disease. Burnout syndrome. Capitalism. Neoliberalism.

LA ENFERMEDAD DOCENTE: UN PRODUCTO DE CAPITALISMO**RESUMEM**

Este estudio presenta un análisis del proceso de enfermedad de los trabajadores docentes y su relación con la precariedad de las condiciones y relaciones laborales, que se han presentado desde el comienzo del modo de producción capitalista. Tomando a Marx y Engels como referencia, refleja cómo la clase trabajadora está sujeta a condiciones de trabajo precarias y degradantes. Esta investigación es de naturaleza cualitativa y los maestros investigados trabajan en una institución educativa pública. Frente al desarrollo del sistema de producción capitalista y sus alternativas para superar las crisis que lo permean, también se han desarrollado formas cada vez más intensas de explotar el valor agregado: formas encubiertas de sufrimiento y enfermedad de la clase trabajadora docente.

PALABRAS-CLAVE: Enfermedad docente. Síndrome de Burnout. Capitalismo. Neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem a propositiva de investigar sobre o processo de adoecimento dos trabalhadores docentes e sua relação com a precarização das condições e relações de trabalho, submetidos desde o início do modo de produção capitalista. A operacionalização dessa pesquisa implicou na organização de dois momentos elementares, os quais se articulam, conferindo unidade em torno dos objetivos do estudo, quais sejam: o levantamento bibliográfico/estado da arte e a pesquisa de campo/empírica. De forma que as problematizações, debates e reflexões que serão desenvolvidas ao longo desse estudo serão produtos das interpretações e incorporação do referencial teórico, bem como das informações contidas nos documentos analisados.

No tocante à pesquisa de caráter bibliográfico (estado da arte), para o levantamento das produções acerca da temática deste estudo, tendo como critérios a relevância acadêmica e a abrangência do acervo, elegemos o catálogo de teses e dissertações da CAPES¹; o portal de periódicos da CAPES²; a biblioteca da ANPED³; a biblioteca do GESTRADO/UFGM⁴; o portal SCIELO⁵; e, o banco de dissertações do PPGED/UESB⁶. Definimos como recorte temporal o período entre janeiro de 2014 a outubro de 2018.

A consulta foi realizada considerando os descritores “**Adoecimento docente**” e “**Síndrome de Burnout**”. Após a leitura dos títulos e dos resumos dos resultados, alguns estudos foram descartados. Os motivos que levaram a esse descarte estão justificados a seguir:

¹ Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

² Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

³ Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca>

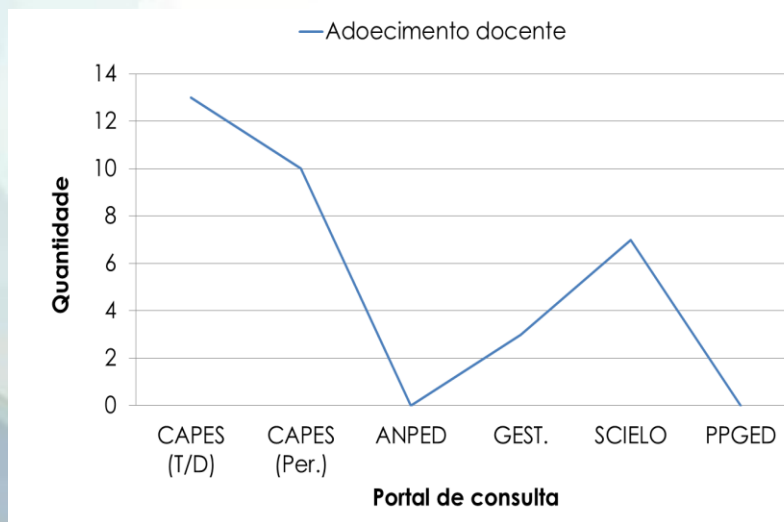
⁴ Disponível em: <http://www.gestrado.net.br/>

⁵ Disponível em: <http://www.scielo.org/php/index.php>

⁶ Disponível em: http://www2.uesb.br/ppg/ppged/?post_type=producao

1) Não se tratavam dos professores que atuam na Educação Básica; 2) O referido descritor foi usado de forma indireta ou apenas como um dado superficial. Ou seja, os estudos não tratavam objetivamente da temática de interesse; e, 3) Tratavam de outras Síndromes, como Síndrome de Down, etc. A partir dos apontamentos descritos acima, apresenta-se, a seguir, a relação de gráficos extraídos a partir de tratamento de dados do levantamento bibliográfico realizado, que podem contribuir para ilustrar os quantitativos de publicações que têm tratado da temática do presente estudo

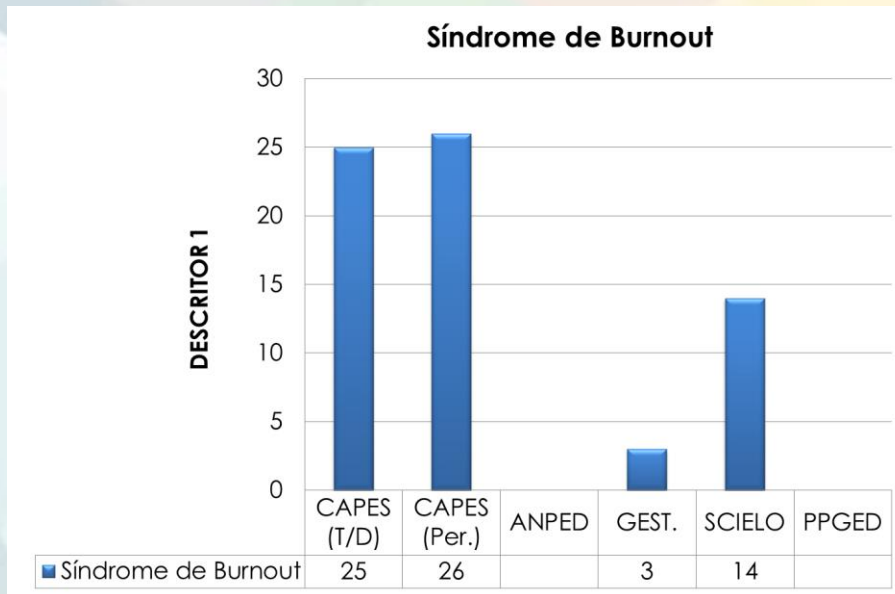
Gráfico 01: Adoecimento docente: Resultados



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O gráfico 01 permite visualizar os resultados referentes ao descritor “Adoecimento docente”. No banco de teses e dissertação da CAPES foram identificados 32 estudos. Somente 13 produções foram selecionadas, destas, 10 dissertações e 03 teses. No portal de periódicos da CAPES foram encontradas inicialmente 76 investigações, destas, 10 foram selecionadas; 03 produções no GESTRADO, um verbete e dois artigos; e, no portal SCIELO encontramos 378 produções, destas, somente 07 foram selecionadas para análise. ANPED e PPGED/UESB não apresentaram resultados.

Gráfico 02: Síndrome de Burnout: Resultados



Fonte: Dados da autora (2020)

O gráfico 02 permite visualizar os resultados referentes ao descritor “Síndrome de Burnout”. No banco de teses e dissertações da CAPES foram selecionados 25 estudos dos 201 encontrados, conforme os critérios de exclusão ora apresentados, destes, 19 dissertações e 06 teses. No portal de periódicos da CAPES foram selecionados 26 artigos dos 305 encontrados. ANPED e PPGED/UESB novamente não apresentaram resultados. No GESTRADO foram encontrados 03 verbetes e no portal SCIELO foram selecionados 14 artigos. As discussões e problematizações daí decorrentes foram desenvolvidas e inspiradas pelo materialismo histórico dialético, considerando-se a necessidade de uma análise crítica e aprofundada (plano da essência) do fenômeno em investigação.

MATERIAIS E MÉTODO

Nesta investigação foram pesquisados 25 docentes que atuam em uma instituição de ensino da Rede Estadual de Educação (Bahia), localizada no interior do estado. Adotamos uma postura cuidadosa em relação ao esclarecimento dos sujeitos acerca do estudo. A participação ocorreu de forma voluntária e foi confirmada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que contém informações acerca do estudo e de seus fins. A pesquisa empírica iniciou a partir do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O presente estudo foi aprovado pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia com o CAAE 43789015.4.0000.0057 e parecer número: 2.555.025.

A coleta de dados e a formatação do arcabouço teórico-conceitual implicaram em procedimentos que reuniram levantamento bibliográfico e pesquisa empírica, com os recursos instrumentais do questionário e a entrevista semiestruturada. Esse estudo é de natureza quantitativa de modo que os dados foram analisados com auxílio do software SPSS⁷.

No tocante ao método, adotamos o materialismo histórico dialético, considerando-se que é infactível tratarmos do processo de reestruturação do capitalismo, trabalho, luta de classes, sem que, de forma direta, nos remetamos às concepções marxistas. O método dialético, portanto, busca conhecer as relações concretas dos fenômenos, em termos de categorias elementares do marxismo: contradição, totalidade, luta de classes e trabalho. O método dialético possibilita ir do fato empírico (fenômeno) para o conceito e, em um movimento lógico, o desvelamento das contradições essenciais do fenômeno se fixa na essência, no mundo real, no conceito, na consciência real, na teoria e ciência (KOSIK, 1997). Portanto,

O método dialético que desenvolveu Marx, o método materialista histórico dialético, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis. A reinterpretção da dialética de Hegel [...] diz respeito, principalmente, à materialidade e à concreticidade. Para Marx, Hegel trata a dialética idealmente, no plano do espírito, das ideias, enquanto o mundo dos homens exige sua materialização. É com esta preocupação que Marx deu o caráter material (os homens se organizam na sociedade para a produção e a reprodução da vida) e o caráter histórico (como eles vêm se organizando através de sua história). A partir destas preocupações, Marx desenvolve o Método [...] (PIRES, 1997, p. 86).

Assim, buscamos compreender, no plano da essência (compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto, objeto síntese de múltiplas determinações, concreto pensado), como ocorrem e se desenvolvem os processos de precarização do trabalho e, como produto disso, o adoecimento da classe trabalhadora docente, em especial sua manifestação na Síndrome de Burnout.

O ADOECIMENTO: UM PRODUTO DO CAPITALISMO

⁷ *Statistical Package for Social Science (SPSS)* é um [software](#) científico de estatística. Pacote estatístico para as [ciências sociais](#).

As transformações ocorridas no capitalismo desde as últimas décadas do século XX impactaram significativamente o mundo do trabalho. Após um longo período de crescimento da economia capitalista, os anos de 1970 foram marcados pela estagnação e pela crise estrutural do sistema do capital (MÉSZÁROS, 2011; ANTUNES, 2010). Desde seus primeiros passos, o capitalismo busca estratégias de superação de suas crises, uma delas ocorre por meio dos padrões de organização do trabalho inspirados e/ou sustentados pelas políticas neoliberais. Essas mudanças nos processos de trabalho provocaram, entre outros impactos, diferentes formas de sofrimento e adoecimento⁸ para a classe trabalhadora em diferentes setores da sociedade como, por exemplo, no âmbito educacional. MéSZáros (2011), ao tratar acerca dos efeitos nocivos do capitalismo para a sociedade e, conseqüentemente, para a educação, preconiza que:

Sob as condições de crise estrutural do capital, seus constituintes destrutivos avançam com força extrema, ativando o espectro da incontabilidade total numa forma que faz prever a autodestruição, tanto para este sistema reprodutivo social excepcional, em si, como para a humanidade em geral (MÉSZÁROS, 2011, p. 100).

O capitalismo existe há mais de quatrocentos anos e ele tem sobrevivido às crises nos diferentes momentos de sua história. Para manter sua hegemonia e superar as crises que o perpassam, ele se reinventa e provoca reajustes estruturais que afetam bruscamente a democracia, os direitos dos trabalhadores e os programas sociais, expressando, assim, o caráter sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2011). No que concerne à crise, enquanto o motor desse sistema, Frigotto (2017, p. 18-19) salienta:

Sendo o capitalismo uma sociedade de classe e frações de classe, na ganância pelo lucro, estabelece-se uma luta entre e intranações e a história nos mostra que tem se resolvido por guerras, revoluções e golpes. Por outra parte, trata-se de uma sociedade que tem em sua estrutura a crise como o seu motor. Uma crise cada vez mais profunda e que o seu enfrentamento se efetiva por destruição de meios de produção e de forças produtivas, em particular eliminando direitos da classe trabalhadora. Crise que no presente se manifesta, por um lado, pela capacidade exponencial de produzir mercadorias, concentração de riqueza, de conhecimento e de poder e sua incapacidade de distribuir e de socializar a produção para o atendimento das necessidades humanas básicas; e, por outro, pelo domínio do capital financeiro especulativo que nada produz, mas que assalta, mediante a dívida pública dos Estados

⁸ No dicionário “Trabalho, profissão e condição docente” organizado por Oliveira *et al.* (2010), o conceito de adoecimento diz respeito ao fato de adoecer, de apresentar uma perturbação, uma interrupção, sensação ou distúrbio de funções, sistemas ou órgãos do corpo [...]. A exposição às condições de trabalho desfavoráveis está associada ao adoecimento dos docentes [...]. A doença pode ser vista como a resposta, provisória ou não, do organismo à pressão do ambiente (ASSUNÇÃO, 2010, s/p).

nacionais, os recursos que seriam destinados a assegurar direitos sociais elementares, tais como os da saúde, da educação, de saneamento básico, habitação, transporte, cultura, etc.

É nesse contexto de controle do capital que a educação brasileira e o trabalho docente estão imersos. A fim de contribuímos para o entendimento da relação entre o processo de adoecimento dos trabalhadores docentes e a precarização das condições e relações de trabalho, submetidos desde o início do modo de produção capitalista, é necessário sinalizar que, sobretudo a partir dos anos 1990, com as políticas neoliberais de privatização e de comprometimento dos serviços públicos, o modo de produção capitalista alterou sua dinâmica de funcionamento e, por consequência, mudou também seus “desdobramentos”, mas não mudou sua essência (SOLDATELLI, 2011).

Tomando como referência o período que compreende o final do século XVIII e início do século XIX, marco do desenvolvimento e da consolidação do chamado capitalismo industrial, que inicialmente esteve limitado à Inglaterra, mas logo se expandiu para outros continentes, Engels (2008) sinaliza como a classe trabalhadora inglesa estava submetida a condições de trabalho precárias e degradantes. Segundo o autor, essas condições insalubres levavam ao adoecimento da classe operária e, em casos mais extremos, à morte. Engels (2008, p. 203) destacou que, “para encher os bolsos da burguesia”, uma lista de doenças foi se registrando: “[...] crianças aleijadas, homens exauridos, membros quebrados, gerações inteiras doentes, debilitadas e desgastadas”.

Além dos apontamentos de Engels, Marx contribuiu na mesma perspectiva. Em “O Capital”, o autor explicita o mecanismo de funcionamento do sistema capitalista de produção e suas implicações para a classe trabalhadora. Marx dedicou-se ainda a explicitar os sentidos atribuídos às jornadas extenuantes de trabalho: Para o burguês, elas representam maior exploração e maior lucro; para o trabalhador, representam adoecimento e morte. Observando o contexto brasileiro, Mattoso (1999), por seu turno, salienta que as condições de trabalho se tornaram, a partir da década de 1990, cada vez mais “informais, precárias, com trabalhos e salários descontínuos, de curta duração e sem contribuição para a previdência” (MATTOSO, 1999, p. 15-16), com implicações diretas para a saúde do trabalhador.

Desde seus primórdios, o capitalismo busca estratégias de superação de suas crises e, no âmbito político-social, a resposta foi o neoliberalismo. O neoliberalismo trata-se, portanto, de uma nova roupagem do capitalismo. Nesta perspectiva, Harvey (2008) aponta que o papel do Estado neoliberal é garantir, a qualquer preço, o funcionamento do mercado. Notadamente,

esse preço é pago pela classe trabalhadora. O autor assinala que, sob o neoliberalismo, o Estado tem de garantir “a qualidade e a integridade do dinheiro”, além de organizar as estruturas “militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados” (HARVEY, 2008, p. 12).

Antunes (1999) discute acerca do desenvolvimento do neoliberalismo na Inglaterra, enfatizando os principais passos que foram sendo dados para atender a agenda neoliberal: a privatização de praticamente tudo o que havia sob controle estatal; a redução e até extinção do capital produtivo estatal; o desenvolvimento de uma legislação fortemente desregulamentadora das condições de trabalho e flexibilizadora dos direitos sociais; a aprovação de um conjunto de atos fortemente coibidores da atuação sindical (ANTUNES, 1999, p. 66). Para Harvey (2008, p. 13), o projeto neoliberal tornou-se “hegemônico”: afeta o modo de ser e de pensar das pessoas; afeta a forma de “interpretarem, viverem e compreenderem o mundo”.

No Brasil, o neoliberalismo tornou-se uma política pública de Estado a partir das eleições presidenciais de 1989, momento em que Fernando Collor de Mello assume a presidência da república. A este respeito, Paulani (2006, p. 90) assevera que “[...] desde a eleição de Collor, passou a ser voz corrente a inescapável necessidade de reduzir o tamanho do Estado, privatizar empresas estatais, controlar gastos públicos, abrir a economia”. A ascensão da ofensiva neoliberal impactou substancialmente a educação e, conseqüentemente, a atuação dos profissionais docentes.

A comunidade científica tem se debruçado a discutir acerca dos processos de mudanças no âmbito educacional, a partir dos anos de 1990, suscitados pela ascensão do neoliberalismo, como os estudos de Gouvêa (2015), Soldatelli (2011), Silva (2017), Reis (2014), Carvalho (2014), Forattini e Lucena (2015), entre outros. Gouvêa (2015, p. 145), por seu turno, aponta que os trabalhadores da educação e as escolas,

[...] vivenciaram todo um processo de mudanças operadas mediante a implantação de uma série de políticas educacionais formuladas, notadamente, a partir de 1995, ainda no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso como Presidente da República. Estas políticas seguiram as orientações dos consensos estabelecidos, quer por comprometimento político diante da comunidade internacional quer por consensos entre diversos grupos de interesse dentro do país, e ganharam uma forma específica, de ampliar ou universalizar a educação em bases estruturais frágeis que levaram à polarização entre quantidade e qualidade educacional. Esse problema da educação brasileira que, apesar das mudanças de governos, continuou no novo século, trouxe conseqüências desastrosas para a educação, notadamente, pelos novos direcionamentos para as políticas educacionais cada vez mais

inspirados nos mecanismos de gestão empresarial e associados a um entendimento da educação como mercadoria.

Sendo assim, sob o prisma neoliberal, exige-se da educação e, conseqüentemente, dos educadores, o atendimento de substanciais demandas, quais sejam: a) reprodução de uma dominação ideológica através de uma visão de mundo empresarial, portanto mercantil; b) a concepção da educação como estratégia fundamental para “qualificar” e “formatar” os trabalhadores frente às mudanças no mundo do trabalho, segundo interesses do capital (MARTINS, 2009). Para atender a estas demandas, Soldatelli (2011, p. 63) aponta que o capital mundial,

[...] representado pelos organismos multilaterais BIRD, BID, UNESCO, USAID e UNICEF⁹, organizou, em março de 1990, a Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jontien (Tailândia). Nessa conferência estiveram presentes 155 países, entre eles o Brasil, além de várias agências bilaterais e multilaterais e ONGs. Durante a realização dessa Conferência aprovou-se a Declaração Mundial de Educação para Todos com diretrizes a serem aplicadas pelos próximos dez anos. As principais metas da declaração se apresentam a seguir: 1) erradicar o analfabetismo; 2) universalizar a educação fundamental; 3) eliminar a evasão e a repetência escolar; 4) proceder à descentralização administrativa e financeira; 5) priorizar a educação fundamental; 6) dividir a responsabilidade entre o Estado e a sociedade, por meio de parcerias com empresas, comunidade e a municipalização do ensino fundamental; 7) avaliar o desempenho dos professores e da instituição; 8) desenvolver o ensino a distância e reestruturar a carreira docente. O documento expressa a política neoliberal destinada à educação e possui, nas suas metas, o caminho para, entre outras questões, diminuir a responsabilidade e reduzir os gastos com a educação pública e – por consequência – com as condições de trabalho.

Nesta conjuntura neoliberal, as implicações para o cotidiano escolar surgem,

[...] por meio da descentralização administrativa, que joga cada vez mais responsabilidades burocráticas para os diretores e professores; por meio da descentralização financeira, que estabelece a coletividade nas discussões acerca das prioridades, do orçamento e da prestação de contas da escola; por meio da municipalização de escolas ainda que, muitas vezes, sem a contrapartida financeira; por meio de parcerias entre a comunidade e empresas, como é o caso dos “amigos da escola” ou de projetos de “escola aberta”, ou a contratação de bibliotecários, merendeiras e pessoal de limpeza através das Associações de Pais e Professores (APPs); por meio de avaliações de rendimento escolar como a Prova Brasil; por meio da percepção de um aumento da precarização das relações de trabalho com cortes de direitos; na terceirização de serviços de limpeza, merenda e vigilância; nos salários

⁹ BID: Banco Interamericano de Desenvolvimento;
BIRD: Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento;
UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura;
UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância;
USAID: United States Agency for International Development.

arrochados e no descumprimento de planos de carreira; no aumento do número de alunos nas salas de aula; na responsabilização cada vez maior do professor pelos resultados da educação, etc. (SOLDATELLI, 2011, p. 64-65).

Silva (2014, p. 47) contribui com a discussão, apontando: “Ressalte-se que os postulados defendidos pelo discurso [neo]liberal foram gradativamente assimilados e introduzidos no âmbito das políticas educacionais. Isto posto, as políticas educacionais devem ser compreendidas como expressão das relações de força em disputa na arena social”. Santos (2014) discute que, por influência do ideário neoliberal, os professores são cobrados a responder questões cujas respostas estão muito além da sua formação. Oliveira (2004) fortalece o segmento de estudiosos que relacionam o adoecimento/ mal-estar¹⁰ docente com as condições precárias de trabalho e preconiza que “[...] os trabalhadores docentes se sentem obrigados a responder às novas exigências pedagógicas e administrativas, contudo expressam sensação de insegurança e desamparo tanto do ponto de vista objetivo – faltam-lhes condições de trabalho adequadas – quanto do ponto de vista subjetivo” (OLIVEIRA, 2004, p. 140).

As demandas impostas à escola no contexto do neoliberalismo sobrepõem-se às demandas compatíveis com o ser/agir docente, o que pode contribuir para o desenvolvimento dos processos de sofrimento psíquico, adoecimento e/ou mal-estar docente. Tal fato vem sendo debatido pela comunidade científica, como os achados de Santana e Neves (2017), Spósito, Gimenes e Cortez (2014), Eugênio, Souza e Di Lauro (2017), Cortez *et al.* (2017), Gouvêa (2016), entre outros.

Antunes e Praun (2015) contribuem para as reflexões sobre os processos de saúde-adoecimento que impactam o mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo. Corroborando com o debate, Baião e Cunha (2013) identificaram que as doenças e/ou disfunções ocupacionais no meio docente mais recorrente na literatura são: exaustão emocional, stress, Síndrome de Burnout, depressão, disfunções musculoesqueléticas, distúrbio de voz, pressão alta e lesões miocárdicas. Os fatores de adoecimento apontados pelos autores corroboram com as discussões ora apresentadas, as quais: estado constante de alerta, exaustão física e mental, atividades excessivas, cobranças implícitas e explícitas, equilíbrio emocional,

¹⁰ O termo mal-estar docente adotado por Esteve (1999) representa uma situação preocupante e bastante comum no cotidiano do professor, que se encontra invariavelmente descontente com suas condições de trabalho, e às vezes consigo mesmo. De tal maneira que “[...] o mal-estar docente constituiu-se uma realidade constatada e estudada, a partir de diversas perspectivas, por diferentes trabalhos de investigação” (ESTEVE, 1999, p. 22). Para Souza e Leite (2011, p. 1109), a expressão mal-estar docente descreve os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor, resultado das condições em que exerce a docência. A partir de tais condições, os docentes passam a manifestar sentimentos negativos intensos como angústia, alienação, ansiedade e desmotivação, além de exaustão emocional, frieza perante as dificuldades dos outros, insensibilidade e postura desumanizada.

competitividade, responsabilidade, flexibilização, intensificação, baixos salários e perda de autonomia.

Eugênio, Souza e Di Lauro (2017) evidenciaram que em decorrência da conjuntura política e social – já expressa neste estudo – a saúde do professor está amplamente comprometida, problemas de ordem física (bursites, tendinites, problemas da voz, problemas de pressão) e emocional (estresse, angústia, desânimo, apatia, impaciência, entre outros) caracterizam o mal-estar docente. De acordo com os autores, os docentes são acometidos com maior incidência pelas disfunções psíquico-emocionais

No Brasil, a literatura acerca dos problemas de saúde e processos de mal-estar, sofrimentos e adoecimentos de professores mostra a prevalência dos transtornos mentais e comportamentais, dos distúrbios da voz e das doenças osteomusculares e do tecido conjuntivo, os quais atingem os docentes do ensino público e particular de todos os níveis, disciplinas e momentos da carreira (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006). Dada à prevalência de patologias de ordem psíquica, a seguir, discutiremos o adoecimento docente, em especial sua manifestação na Síndrome de Burnout.

O ADOECIMENTO DOCENTE E O BURNOUT¹¹

As políticas neoliberais fragilizaram direitos sociais e trabalhistas (PIOVEZAN, 2017). A classe trabalhadora tornou-se descartável e suscetível ao desenvolvimento dos processos de adoecimento. O ambiente escolar e, conseqüentemente, o trabalho docente sofreu igualmente os impactos da reestruturação do Estado. Há um maior controle sobre as atividades docentes, tanto em relação à forma de ministrar aula, quanto aos conteúdos ensinados e às formas de avaliação. Logo, os professores têm de lidar com as pressões internas e com o rígido controle sobre seu trabalho. Somados à flexibilização e intensificação do trabalho, a flexibilização nas formas de contratação, o arrocho salarial e a alienação, submetem os docentes a um grave quadro de sofrimento psíquico.

O processo de redemocratização no Brasil na década de 1980 e a expansão da ideologia neoliberal suscitaram mudanças estruturais na educação e, portanto, no desenvolvimento do

¹¹ No Brasil, o Decreto no 3.048, de 6 de maio de 1999, aprovou o Regulamento da Previdência Social e, em seu Anexo II, trata dos Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais. O item XII da tabela de Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados com o Trabalho (Grupo V da Classificação Internacional das Doenças – CID-10) cita a “Sensação de Estar Acabado” (“Síndrome de Burnout”, “Síndrome do Esgotamento Profissional”) como sinônimos do Burnout, que, na CID-10, recebe o código Z73.0 (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007, p. 224).

trabalho docente. Conforme Silva (2017), as principais características do neoliberalismo pautam-se na expansão dos mercados de bens e serviços e na configuração de um novo sistema de produção: a especialização flexível. Conforme a autora, sob a égide neoliberal, “uma das consequências apontadas foi a desresponsabilização do Estado sobre o papel social, ou seja, instaurou-se uma tensão no sentido de deixar as áreas da saúde, educação e assistência a cargo do indivíduo e aberto à iniciativa privada” (SILVA, 2017, p. 40). Esse novo modo de gestão político-econômica impactou substancialmente a educação, o trabalho dos professores e os indicadores de saúde/adoecimento dessa categoria profissional.

O ato de tecer a rede teórica apresentada anteriormente teve como objetivo refletir acerca das mudanças que ocorreram no mundo do trabalho desde a década de 1970 até a atualidade e o que as mesmas configuraram como condições de possibilidades para a emergência do adoecimento docente. O adoecimento dos professores, em especial sua manifestação na Síndrome de Burnout, tornou-se foco de pesquisas acadêmicas no Brasil nas últimas décadas (SILVA, 2017; DIEHL, 2013; DALCIN, 2016; VASCONCELOS, 2016; SOUSA, 2014; SILVA 2014; ZANELLI, 2015; NASCIMENTO, 2017; CAZARIN, 2016; ROSA, 2017; MOREIRA, 2015; SILVA, 2017; MIRANDA, 2017; CELSO, 2002; PIMENTEL, 2015; DIEHL; CARLOTTO, 2014; DALCIN; CARLOTTO, 2018; GARCÍA, 2014; BRAUN; CARLOTTO, 2014; CODO, 2002; etc.).

BURNOUT: PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS

No tocante aos elementos históricos da Síndrome de Burnout, o psicanalista Herbert J. Freudenberger (1926-1999) é considerado o precursor do conceito Burnout (SCHAUFELI; BUUNK, 2003). Freudenberger escreveu sobre o tema da ansiedade (FREUDENBERGER; NORTH, 1982) e contribuiu para um volume sobre a história da psicoterapia (FREEDHEIM, 1997), mas tornou-se conhecido, sobretudo, pelo fato de ter sido o primeiro a propor uma “Síndrome de Burnout” e fornecer uma definição para o fenômeno.

O artigo que foi tomado pela literatura como o momento fundador e inaugural do conceito de Burnout como um objeto de estudo acadêmico foi “*Staff Burn-out*” (FREUDENBERGER, 1974). Freudenberger delineou o fenômeno como um sentimento de fracasso e exaustão causado por um expressivo desgaste de energia e recursos. Em 1975 e 1977 incluiu em sua definição comportamentos de fadiga, depressão, irritabilidade, aborrecimento, perda de motivação, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade (FREUDENBERGER,

1974). Contribuindo nesta perspectiva histórica, Abacar (2015, p. 24-25, grifos do autor), a partir de um levantamento bibliográfico, complementa:

Freudenberger descreveu o *burnout* como um conjunto de reações ou sintomas fisiológicos e psicossociais inespecíficos, esgotamento, decepção e perda de interesse, como consequência do trabalho diário, desenvolvido por profissionais dedicados ao serviço social, que não atingiram as expectativas depositadas em seu trabalho (Botero & Romero, 2011). Em seu primeiro artigo, intitulado '*Staff burn-out*', Freudenberger (1974) partiu da sua própria experiência pessoal, ao vivenciar sentimentos de cansaço, fadiga, dores de cabeça frequentes, insônia, problemas gastrointestinais, falta de ar e doenças persistentes como resfriado ou gripe (Reinardy, 2011). Os escritos de Freudenberger sobre o assunto foram fortemente autobiográficos e seu impacto está ilustrado pelo fato de receber, em 1999, o Prêmio Medalha de Ouro pela *Life Achievement in the Practice of Psychology at the APA*, em Boston (Schaufeli *et al.*, 2009).

As investigações iniciais acerca do Burnout foram resultantes de pesquisas sobre emoções e formas como tratá-las. Esses estudos foram realizados com profissionais que, pela especificidade e natureza do seu exercício laboral, necessitavam estabelecer contato direto, sucessivo e afetivo com seus pacientes (ou alunos), como profissionais da área da educação, saúde e serviços sociais. Conforme Perlman e Hartman (1982), entre os estudos divulgados nos anos de 1974 e 1981, somente cinco tratavam do fenômeno com evidências empíricas. Para os autores, foi somente em 1976 que as investigações acerca do Burnout obtiveram um viés/caráter científico. A partir de então, foram elaborados modelos teóricos e instrumentos com a capacidade de registrar e compreender este sentimento crônico de desânimo, apatia e despersonalização (CARLOTTO; CÂMARA, 2008).

Christina Maslach, referência no estudo desse fenômeno, investigava, em meados dos anos 1970, como pessoas que exerciam profissões assistenciais (médicos, enfermeiros, assistentes sociais, professores, entre outros) lidavam com a carga emocional presente em suas atividades profissionais. A psicóloga identificou, ao entrevistar profissionais sobrecarregados e desgastados, que três aspectos se destacavam em seus discursos: esgotamento físico e mental, sentimentos negativos em relação aos pacientes e dúvidas quanto à própria competência profissional. Essas características tornaram-se as três dimensões que definem conceitualmente a Síndrome de Burnout e embasam o *Maslach Burnout Inventory* – MBI: Exaustão Emocional, Despersonalização e Realização Pessoal (ou no trabalho) (MASLACH; SCHAUFELI, 1993; SCHAUFELI; ENZMANN, 1998).

Conforme Carlotto e Câmara (2008), a Síndrome de Burnout é um fenômeno psicossocial que ocorre como uma resposta crônica aos estressores interpessoais ocorridos na

situação de trabalho. É um construto formado por três dimensões relacionadas, mas independentes. Quais sejam: “Exaustão Emocional”, caracterizada pela falta ou carência de energia e entusiasmo e sentimento de esgotamento de recursos. A estes sentimentos soma-se o de frustração e tensão. A “Despersonalização” ocorre quando o profissional passa a tratar os pacientes/alunos, colegas e a organização de forma distante e impessoal. Os trabalhadores passam a desenvolver insensibilidade emocional frente às situações vivenciadas por seus pacientes/alunos. A “Baixa Realização no Trabalho” é caracterizada pela tendência do trabalhador em se autoavaliar negativamente. Ele torna-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional e experimenta um declínio no sentimento de competência e êxito.

Para Friberg (2009), o *Maslach Burnout Inventory* – MBI legitimou estatisticamente a SB, fornecendo um valor e um lugar para o fenômeno no meio acadêmico-científico. O *Maslach Burnout Inventory – Educators Survey* (MBI-ES) é uma versão para professores, com adaptação para o uso no Brasil realizada por Carlotto e Câmara (2004). As referidas autoras realizaram um estudo para análise fatorial do MBI, que indicou que a versão brasileira do instrumento contém os requisitos necessários no tocante à consistência interna e validade fatorial para sua utilização na avaliação de Burnout em professores na realidade do país.¹²

Christina Maslach e Herbert Freudenberger foram os precursores do fenômeno Burnout nos Estados Unidos. No entanto, os primeiros passos da SB no meio acadêmico-científico não despertaram grande interesse da comunidade e suscitou, por parte de estudiosos e pesquisadores, severas críticas que rotularam a Síndrome como “psicologia pop”, “jargão pseudocientífico” (MASLACH; SCHAUFELI, 1993, p. 05), ou simplesmente como um equivalente do estresse ocupacional, questões que se prolongam até a atualidade.

Maslach e Schaufeli (1993) apontam que, até a década de 1980, o fenômeno Burnout foi estudado especificamente pela comunidade acadêmica estadunidense. No decorrer dos anos, o Burnout foi despertando interesse de outros países da língua inglesa, como Inglaterra e Canadá. Posteriormente, com a tradução e adaptação do instrumento, outros países debruçaram-se em investigar o fenômeno. No Brasil, as primeiras investigações surgem a partir da década de 1990. No entanto, foi somente a partir dos anos 2000 que as produções se tornaram mais

¹² O MBI é um instrumento autoaplicável e avalia como o sujeito vivencia seu trabalho, de acordo com as dimensões estabelecidas pelo Modelo Teórico de Maslach em um total de 22 itens: Exaustão Emocional (EE) – nove itens, Despersonalização (DE) – cinco itens, e Realização Pessoal no Trabalho (RP) – oito itens. Avalia-se a presença das três dimensões pela contagem das frequências de respostas. Nesta investigação utilizamos uma escala de pontuação que varia de 0 a 6 do tipo *Likert*, onde emprega-se 0 para “nunca” e 6 para “todos os dias”. Os índices de Burnout são avaliados de acordo com os escores de cada dimensão, sendo que altos escores em exaustão emocional e despersonalização e baixos escores em realização profissional (esta subescala é inversa) indicam alto nível de Burnout (MASLACH; JACKSON, 1981).

acentuadas. As investigações/pesquisas acerca do Burnout possuem profunda tradição na Europa e América do Norte. A literatura nacional ainda é incipiente comparada com a internacional. As produções brasileiras sobre a Síndrome de Burnout encontram-se mais acentuadas em revistas científicas no âmbito da Psicologia e, em menor percentual, áreas afins, como a Educação (CARLOTTO; CÂMARA; 2008).

BURNOUT: UM MULTICONCEITO

Pimentel (2015) apresenta um levantamento bibliográfico e documental com o objetivo responder ao questionamento: “Afinal, o que é *burnout*?”. No capítulo introdutório, o autor discorre:

No decorrer do século XX, apesar de afetado por uma multiplicidade de definições e causas, o conceito de estresse se estabelece e se confirma como fenômeno relacionado ao sofrimento no trabalho, considerado como expressão de um determinado limite a partir do qual a experiência de trabalho pode ser vivenciada como algo passível de sofrimento físico e mental. Nesse contexto surge nos anos 1970 o *burnout*. [...].

No geral trata-se de um estado de esgotamento físico e mental que incapacita o indivíduo a fazer frente às demandas do ambiente de trabalho (PIMENTEL, 2015, p. 11, grifo do autor).

Conforme Pimentel (2015), a Síndrome de Burnout está intrinsecamente associada ao mundo do trabalho e seu desenvolvimento acomete, sobretudo, profissionais assistenciais (professores, profissionais da saúde.). Corroborando com o apontamento, Tamayo (2008) estabelece que “O burnout vem sendo compreendido como uma resposta ao estresse ocupacional crônico decorrente de características do ambiente laboral e da incompatibilidade entre as expectativas do indivíduo e a realidade que ele enfrenta no seu dia-a-dia de trabalho” (p. 81).

Pimentel (2015), inspirado pelo estudo de Gil-Monte (2006), reflete acerca da multiplicidade de definições concernentes a Síndrome de Burnout. Gil-Monte (2006, p. 38) concebe uma crítica a essa multiplicidade e defende “um chamamento à unidade”, partindo do princípio de que termos técnicos devem ser unívocos, isto é, possuidores de um único significado e, dentro do possível, devem evitar a sinonímia. Nesta perspectiva, Arturo Juárez García (2014) realizou uma entrevista com Christina Maslach em setembro de 2010, no México, quando participou como palestrante no XV Congresso Nacional de Saúde no Trabalho. Ao ser indagada sobre o que é Burnout, Maslach aponta:

Lo que definimos como burnout es un síndrome psicológico de ciertas experiencias interrelacionadas: primero es el agotamiento, como una respuesta al estrés. Pero además, en segundo lugar, es también un cambio, un cambio negativo sobre cómo se siente uno con el trabajo y las demás personas, cuando hablamos de ellas con indiferencia (cinismo), y tercero; cuando las personas se empiezan a sentir negativas sobre sí mismas, sobre su competencia, su capacidad, sus deseos y su motivación para trabajar. Así que juntando todo esto, el burnout es cuando comienza a sucederle a las personas (GARCÍA, 2014, p. 199).

Santini (2004), por seu turno, define o fenômeno Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional, como uma reação à tensão emocional crônica, gerada pelo trabalho exercido em contato direto e excessivo com as pessoas. O vocábulo Burnout é uma composição de *burn*, que significa queima, e *out*, exterior, sugerindo, nesse contexto, que a pessoa acometida por essa síndrome consome-se física e emocionalmente. Significa, portanto, queimar-se pelo trabalho, ou seja, refere-se aos processos de esgotamento psicológico vivenciados em relação ao trabalho.

Burisch (2006) salienta que a ausência de uma definição convincente acerca do fenômeno Burnout dificulta uma maior fundamentação das investigações, pois todas as tentativas empreendidas até o momento nesse sentido, defende o autor, mostraram-se excessivamente generalistas ou demasiado específicas. O autor preconiza que nos primórdios das investigações acerca do Burnout os estudos eram pautados pela superficialidade, apresentando severas críticas acerca da situação das investigações sobre a Síndrome. O autor considera inerte a fundamentação teórica existente. Cox, Tisserand e Taris (2005) corroboram com o apontamento do autor e atestam a necessidade de se organizar/sistematizar o conceito de modo mais conciso. Nesta perspectiva, Vieira (2010) apresenta que o conceito de Burnout encontra-se em processo de construção sob revisão crítica.

A intenção de empreender uma investigação sobre a Síndrome de Burnout parece bastante oportuna, uma vez que faz-se necessária mais adensamento nas investigações, capaz de oferecer não apenas dados, mas conhecimento fundamentado em investigações confiáveis e relevantes, em outras palavras, um viés/caráter acadêmico-científico (PIMENTEL, 2015).

As manifestações do Burnout são classificadas em categorias, a saber: emocionais, cognitivas, físicas, comportamentais, sociais e do trabalho. Expressas em sintomas, como: A) manifestações emocionais: exaustão emocional, dificuldade em controlar as emoções, ansiedade, baixa tolerância à frustração, raiva, irritabilidade, hipersensibilidade, hostilidade, desconfiança, humor depressivo, desesperança, impotência, baixa autoestima, etc. B)

manifestações físicas: dores de cabeça, problemas gastrointestinais, tremores, dores musculares, distúrbios do sono, fadiga crônica, transtornos dermatológicos, etc. C) manifestações sociais: frieza, apatia, indiferença, distanciamento. D) manifestações no trabalho: absenteísmo, baixa produtividade, acidentes, negligência, conflitos, etc. (CODD; VASQUES-MENEZES, 1999). No início, salientam os autores, os sintomas são insidiosos, silenciosos e lentos. Surgem paulatinamente, sem que o próprio trabalhador os perceba. Apontam, ainda, que uma pessoa em Burnout não apresenta, necessariamente, todos esses sintomas.

Como exposto, a SB acomete, sobretudo, profissionais que mantêm uma relação constante e direta com outras pessoas, principalmente quando esta atividade é considerada assistencial. Entendemos, no entanto, que a Síndrome de Burnout não está intimamente ligada a determinadas profissões que têm por sua natureza constitutiva o cuidado com outras pessoas e que seus sintomas não são desencadeados pela natureza ou pelo contato próximo com os seus usuários. O Burnout é determinado pelo modo de gestão do trabalho, caracterizado por pouca ou nenhuma autonomia, sobrecarga de tarefas e insegurança em relação a estas, instabilidade no emprego, sentimento de desmoralização no ambiente de trabalho, sentimento de injustiça, um controle quantitativo e qualitativo do trabalho, a falta de suporte institucional e dos colegas, somados à predisposição intrínseca do indivíduo (VIEIRA *et al.*, 2006). Podemos, então, entender a Síndrome como sendo resultado de uma forma de organização do trabalho nos moldes do capitalismo.

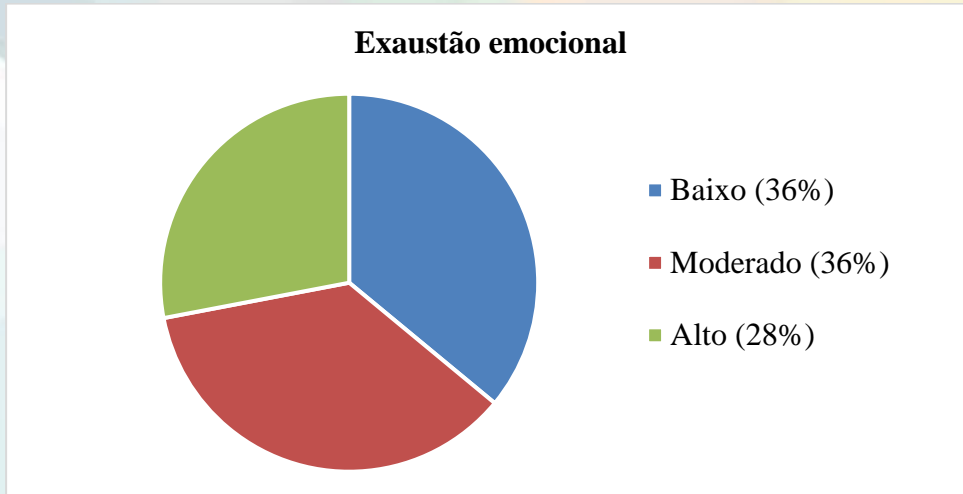
RESULTADOS E DISCUSSÃO

OS ESCORES PARA SÍNDROME DE BURNOUT¹³

Os dados a seguir caracterizam a amostra estudada. Os resultados concernentes aos escores para a Síndrome de Burnout foram processados pelo software SPSS e sistematizados em gráficos.

Gráfico 03: Exaustão emocional

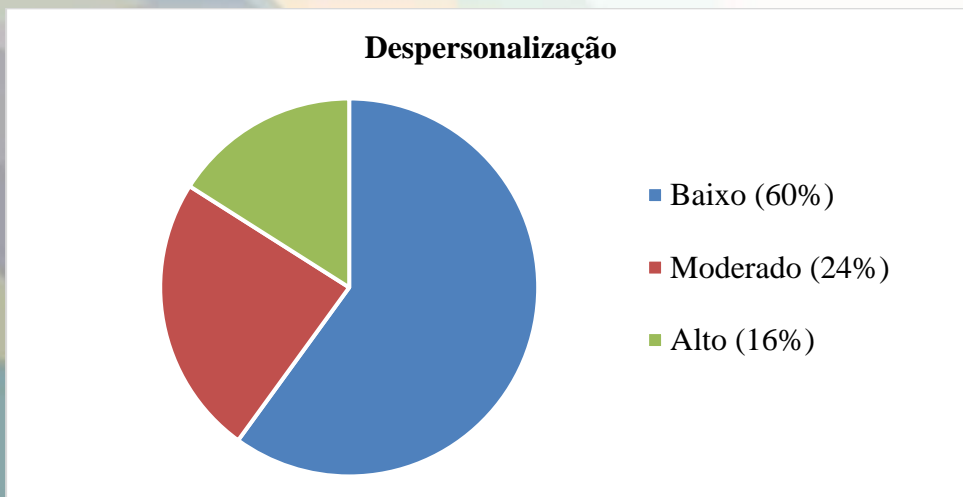
¹³ É importante ressaltar que neste estudo tratamos, apenas, sobre predisposição e não com diagnóstico da Síndrome.



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A Exaustão Emocional (EE) caracteriza-se pela falta ou carência de energia e entusiasmo e sentimento de esgotamento de recursos. A estes sentimentos soma-se o de frustração e tensão (CARLOTTO; CÂMARA; 2008). No tocante a esta dimensão, os dados apontam que 36% da amostra encontra-se no nível baixo, 36% encontra-se no nível moderado e 28% no nível alto.

Gráfico 04: Despersonalização

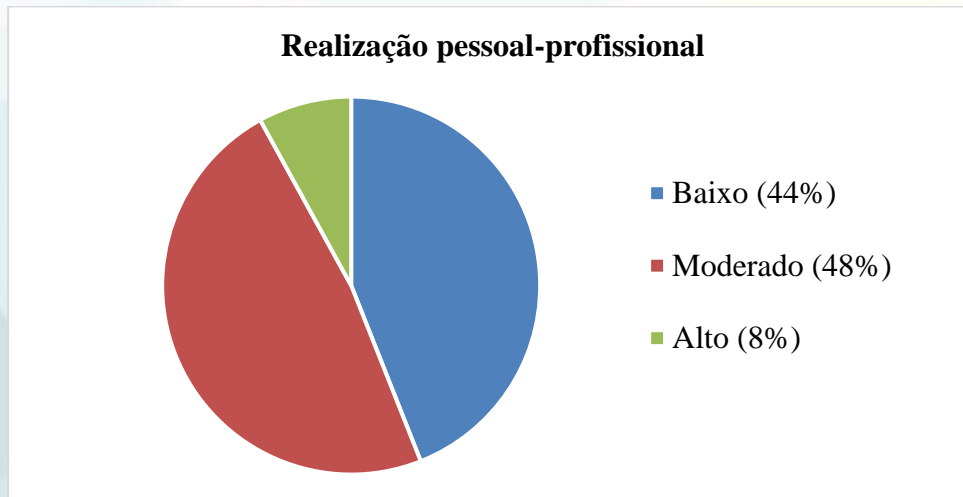


Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A Despersonalização (D) ocorre quando o profissional passa a tratar os clientes/alunos, colegas e a organização de forma distante e impessoal. Os trabalhadores passam a desenvolver insensibilidade emocional frente às situações vivenciadas por sua clientela/alunos

(CARLOTTO; CÂMARA; 2008). No tocante a esta dimensão, os dados apontam que 60% da amostra encontra-se no nível baixo, 24% encontra-se no nível moderado e 16% no nível alto.

Gráfico 05: Realização pessoal-profissional



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A Baixa Realização no Trabalho (RP) é caracterizada pela tendência do trabalhador em se autoavaliar de forma negativa. Ele torna-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional e experimenta um declínio no sentimento de competência e êxito (CARLOTTO; CÂMARA; 2008). No tocante a esta dimensão, os dados apontam que 44% da amostra encontra-se no nível baixo, 48% encontra-se no nível moderado e 8% no nível alto.

Como posto, os índices de Burnout são avaliados de acordo com os escores de cada dimensão, sendo que altos escores em exaustão emocional e despersonalização e baixos escores em realização profissional são indicativos para o Burnout (MASLACH; JACKSON, 1981). Nesta perspectiva, alguns resultados nos despertaram maior atenção, em especial duas docentes.

Figura 01: Escores de Burnout – Docentes 11 e 17

DOCENTE 11**EE:** Alto**D:** Alto**RP:** Baixo

- Sexo feminino, faixa etária entre 20 e 29 anos, solteira, pós-graduada, não possui filhos, fase de iniciação da carreira, leciona em duas instituições, trabalha sob regime de 40 horas, vínculo temporário.

DOCENTE 17**EE:** Alto**D:** Alto**RP:** Baixo

- Sexo feminino, faixa etária entre 40 e 49 anos, divorciada, pós-graduada, possui um filho, fase de finalização da carreira, leciona em uma instituição, trabalha sob regime de 40 horas, vínculo efetivo.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

As docentes 11 e 17 possuem altos escores em exaustão emocional e despersonalização e baixos escores em realização profissional, indicativo para o Burnout. A docente 11 caracteriza-se pelas seguintes variáveis: sexo feminino, faixa etária entre 20 e 29 anos, solteira, pós-graduada, não possui filhos, encontra-se na fase de iniciação da carreira, leciona em duas instituições, trabalha sob regime de 40 horas, vínculo temporário (não estatutário) e classificou os itens “condições ambientais e infraestrutura” como regulares.

A docente 17, por seu turno, caracteriza-se: sexo feminino, faixa etária entre 40 e 49 anos, divorciada, pós-graduada, possui um filho, encontra-se na fase de finalização da carreira, leciona em uma instituição, trabalha sob regime de 40 horas, vínculo efetivo (estatutário), encontra-se parcialmente satisfeita com o trabalho e classificou o item “apoio/suporte institucional” como regular. Nota-se, portanto, que não há, necessariamente, similaridade entre as variáveis que caracterizam as docentes, embora ambas apresentem um alto indicativo para o Burnout.

Observa-se que as docentes 11 e 17 estão nas fases de iniciação e finalização da carreira, respectivamente. Isso coaduna com os achados científicos ao denotar que estas são as fases mais propícias para o acometimento de patologias de ordem psíquica. São as fases em que os

docentes se encontram mais vulneráveis. A iniciação, por envolver sentimentos como angústia, cansaço, fragilidade emocional, desilusão, insegurança, etc. E a finalização, por seu turno, envolve sentimentos de desinvestimento e afastamento profissional.

No tocante às características de personalidade que estão associadas a maiores índices de Burnout, destacamos três que se relacionam diretamente com as docentes 11 e 17: gênero, nível educacional e estado civil. No tocante ao gênero, as mulheres apresentam maior pontuação em exaustão emocional. Sobre o nível educacional, indivíduos com nível mais elevado são mais predispostos ao acometimento. Já em relação ao estado civil, maior risco em solteiros (Docente 11), viúvos ou divorciados (Docente 17). Não obstante, ratificamos que embora as variáveis sociodemográficas das docentes coadunem com a literatura científica, a Síndrome de Burnout está relacionada, sobretudo, com o trabalho precarizado e alienado no qual a classe trabalhadora está submetida desde o início do modo de produção capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção capitalista, que essencialmente é produção de mais-valia, absorção de trabalho excedente, ao prolongar o dia de trabalho, não causa apenas a atrofia da força humana de trabalho, à qual rouba suas condições normais, morais e físicas de atividade e de desenvolvimento. Ela ocasiona o esgotamento prematuro e a morte da própria força de trabalho. Aumenta o tempo de produção do trabalhador num período determinado, encurtando a duração da sua vida (MARX, 2008, p. 307).

Nesse viés investigativo, a pesquisa aponta que a realidade política, econômica e social na qual os docentes estão submetidos, desencadeia processos de mal-estar/adoecimento docente e, conseqüentemente, resultam no afastamento de suas funções, desdobramento da lógica expansionista do capital.

No tocante ao adoecimento docente, em especial sua manifestação na Síndrome de Burnout, identificamos que, embora a Síndrome acometa predominantemente profissionais que por sua natureza de trabalho estabeleçam contato direto e constante com o outro (sujeito), ela é estabelecida, sobretudo, pelo trabalho nos moldes do capitalismo, marcado pela exploração da mais-valia, alienação do trabalho, depauperação da força de trabalho. O capitalismo representa, portanto, adoecimento para a classe trabalhadora.

Como refletia Karl Marx, no modo de produção capitalista, o fenômeno da precarização desencadeia processos de estranhamento, depauperação e aviltação do trabalho, representando sofrimento e adoecimento para a classe trabalhadora docente. O trabalho alienado impede o indivíduo de se sentir pleno em seu exercício laboral, sentindo-se cada vez mais insatisfeito e

mero reproduzidor do sistema capitalista. Destarte, diante do desenvolvimento do sistema capitalista de produção e de suas alternativas para superar as crises que o permeiam, desenvolveram-se também formas cada vez mais intensas de explorar a mais-valia – formas veladas de sofrimento e adoecimento da classe trabalhadora docente.

Encaramos este estudo, portanto, com o teor da continuidade, já que o capital é algo que se reinventa a todo momento dado o seu caráter sociometabólico. O que consideramos aqui são as possibilidades e a luta em prol de uma concepção de trabalho, educação e sociedade que siga para além das barreiras verticais do capital. Por fim, espera-se que as discussões derivadas desse processo investigativo, além de estimular a realização de futuros estudos na mesma direção, contribuam com a luta sindical dos docentes em favor de uma concepção de trabalho e educação emancipadora.

REFERÊNCIAS

- ABACAR, Mussa. **Burnout em Docentes do Ensino Básico em Escolas Moçambicanas e Brasileiras**. 2015. 336 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Editora Biotempo, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. Trabalho uno ou omni: a dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. Vitória: **Argumentum**, v.2, n.2, p. 09-15, jul/dez, 2010.
- ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015
- ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Adoecimento. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.
- BAIÃO, L. P. M.; CUNHA, R. G. Doenças e/ou disfunções ocupacionais no meio docente: uma revisão de literatura. **Revista Formação@Docente**. Belo Horizonte – vol.5, n 1, jan/jun 2013.
- BRAUN, Ana Claudia; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout: estudo comparativo entre professores do Ensino Especial e do Ensino Regular. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 18, Número 1, Janeiro/Abril de 2014: 125-133.
- BURISCH, M. **Das Burnout Syndrom**: Theorie der inneren Erschöpfung. Heidelberg: Springer MedizinVerlag, 2006.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. **Psico-PUC-RS**, 39(2), 152-158, 2008.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Análise fatorial do Malasch Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 499-505, set. /dez. 2004.

CARVALHO, Ana Carolina da Costa. **Trabalho docente e adoecimento de professores do ensino fundamental em um município da zona da mata mineira**. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2014.

CAZARIN, Naely Iamarino Pizzi. **Autoeficácia de professores de línguas estrangeiras e a síndrome de burnout: um estudo exploratório**. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

CELSO, Maria Cristina Watrin Martin. **Síndrome de Burnout e formação de professores/as: fatores de adoecimento e estratégias de enfrentamento dos docentes**. 2002. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, 2002.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Ione. O que é burnout? In: CODO, W. (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Vozes, Petrópolis, 1999.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Brasília: CNTE: UnB – Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

CORTEZ, Pedro Afonso; *et al.* A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. **Cad. Saúde Colet.**, 2017, Rio de Janeiro, 25 (1): 113-122.

COX, T.; TISSERAND, M.; TARIS, T. The conceptualization and measurement of burnout: Questions and directions (Editorial). **Work & Stress**, 19(3), 187-191, 2005.

DALCIN, Larissa. **Efeito de uma intervenção para prevenção da síndrome de burnout em professores**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

DALCIN, Larissa; CARLOTTO, Mary Sandra. Avaliação de efeito de uma intervenção para a Síndrome de *Burnout* em professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 22, Número 1, Janeiro/Abril de 2018: 141-150.

DIEHL, L.; CARLOTTO, M. S. Conhecimento de professores sobre a Síndrome de Burnout: processo, fatores de risco e consequências. **Psicologia em Estudo**, 19(4), 2014, 741-752.

DIEHL, Liciane. **Conhecimento de professores sobre a síndrome de burnout: processo, fatores de risco e consequências**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Edição José Paulo Netto – São Paulo: Boitempo, 2008.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

EUGÊNIO, Benedito; SOUZAS, Raquel; DI LAURO, Angela Dias. Trabalho e adoecimento do professor da educação básica no interior da Bahia. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.3, n.2, mai.-ago. 2017, p.179-194.

FORATTINI, Cristina Damm; LUCENA, Carlos. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.1, n.2, mai.-ago. 2015, p.32- 47.

FREEDHEIM, D. K. (Ed.) **History of psychotherapy**: a century of change (1ª ed.). Washington: American Psychological Association, 1997.

FREUDENBERGER, H. J. Staff burn-out. **Journal of Social Issues**. 30, 159-165, 1974.

FREUDENBERGER, H. J.; NORTH, G. **Situational anxiety**: how to overcome your everyday anxious moments. New York: Anchor Press, 1982.

FRIBERG, T. Burnout: from popular culture to psychiatric diagnosis in Sweden. **Culture, Medicine and Psychiatry**, 33(4), 2009, 538–558.

FRIGOTTO, G. A gênese das teses do Escola sem Partido: esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In: FRIGOTTO, G. **Escola “sem” partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira / organizador Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017

GARCÍA, Arturo Juárez. Entrevista con christina maslach: reflexiones sobre el síndrome de burnout. **Liberabit**: Lima (Perú) 20(2): 199-208, 2014.

GASPARINI, Sandra M.; BARRETO, Sandhi M.; ASSUNÇÃO, Ada A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 2679-2691, dez. 2006.

GIL-MONTE, P. R. **El síndrome de quemar-se por el trabajo (burnout)**: Una enfermedad laboral en la sociedade del bienestar. Madrid: Pirámide, 2006.

GOUVÊA, Leda Aparecida Vanelli Nabuco de. **Saúde como direito social na pauta sindical de professores da rede básica de ensino**. 342 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

GOUVÊA, Leda Aparecida Vanelli Nabuco de; As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, out-dez 2016.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: histórias e implicações. São Paulo, Edições Loyola, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARTINS, André Silva. **A direita para o social**: a educação da sociabilidade no Brasil contemporâneo. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I/ Karl Marx; tradução de Reginaldo Sant'Anna. – 26ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MASLACH, C.; JACKSON, S. The Measurement of experienced Burnout. **Journal of Occupational Behavior**, 2, 99-113, 1981.

MASLACH, C.; SCHAUFELI, W. B. The future of Burnout. *In*: W.B.SCHAUFELI; C., MASLACH; T. MAREK (Orgs.). **Professional burnout**: Recent developments in theory and research (pp.253-259). New York: Taylor & Francis, 1993.

MATTOSO, Jorge. **O Brasil desempregado** – como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. 1. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIRANDA, Márcia Bastos. **Saúde emocional de professores das escolas estaduais de Juiz de Fora – MG: Depressão e burnout**. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

MOREIRA, Etienne Barbosa da Silva. **Estresse e Burnout**: um estudo com gestores estaduais de Belo Horizonte. 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

NASCIMENTO, Jorge Luis da Silva. **Representações sociais da síndrome de Burnout por professores do ensino fundamental de escolas públicas do Rio de Janeiro em situação de readaptação**. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Revista Educação & Sociedade**, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004.

PAULANI, Leda Maria. O projeto neoliberal para a sociedade brasileira: sua dinâmica e seus impasses. *In*: LIMA, J.C.F. e NEVES, Lucia M.W. **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. P. 67-107.

PERLMAN, B.; HARTMAN A. E. **Burnout**: Sumary and future research. *Human Relations*, 35, 4, 283-305, 1982.

PIMENTEL, F. H. P. **Afinal, o que é Burnout?** 2015. 264 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Fortaleza, 2015.

PIOVEZAN, Patricia Regina. **As políticas educacionais e a precarização do trabalho docente no Brasil e em Portugal**. 2017. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, 1997.

REIS, Maria Izabel Alves dos. **O adoecimento dos trabalhadores docentes na rede pública de ensino de Belém-Pará**. 2014. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

ROSA, Myriane Rosa. **Fatores relacionados à Síndrome de Burnout em professores de Educação Física em diferentes momentos da carreira**. 2017. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SANTANA, Franciele Ariene Lopes; NEVES, Ilidio Roda. Saúde do trabalhador em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras. **Saúde Soc.** São Paulo, v.26, n.3, p.786-797, 2017.

SANTINI, Juarez. Síndrome do esgotamento profissional: revisão bibliográfica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 183-209, 2004.

SANTOS, Diego Augusto dos. **Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compressão do adoecimento e sofrimento psíquico de professores**. 2014. 195f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

SCHAUFELI, W. B.; BUUNK, B. P. Burnout: An Overview of 25 Years of Research and Theorizing. In M. J. Shabracq, J. A. M. Winnubst, & C. L. Cooper (Eds.), **The Handbook of Work and Health Psychology** (2nd ed., p. 383–425). Chichester: John Wiley and Sons, 2003.

SCHAUFELI, W.B.; ENZMANN, D. **The burnout companion to study and practice: A critical analysis**. London: Taylor and Francis, 1998.

SILVA, Dimarães. **As políticas neoliberais e a precarização do trabalho docente em uma microrealidade de duas escolas mantidas pelo estado em Porto Velho – Ro**. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

SILVA, Guadalupe de Moraes Santos. **Síndrome de burnout em professores de educação física da rede pública estadual de Sergipe**. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2014.

SILVA, Lívia Machado. **Medicalização e síndrome de burnout: um olhar sobre o adoecimento docente**. 2017. 87 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Selma Gomes da. **Travessias entre a sala de aula e o consultório: trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores**. 2017. 489 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

SILVA, Selma Gomes da. **Travessias entre a sala de aula e o consultório: trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores**. 2017. 489 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

SOLDATELLI, Rosangela. **O Processo de Adoecimento dos Professores do Ensino Fundamental de Florianópolis e suas Possibilidades de Resistência a esse Processo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SOUSA, Audiel Ribeiro. **Stress e síndrome de burnout em professores da rede pública de Altamira - Pa: proposta de tecnologia educativa-preventiva**. 2014. 64 f. Dissertação (Mestrado em Bioengenharia) – Programa de Pós-graduação em Bioengenharia da Universidade Camilo Castelo Branco, São José dos Campos, 2014.

SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, out./dez. 2011.

SPÓSITO, Luciana Souza; GIMENES, Régio Márcio Toesca; CORTEZ, Lúcia Elaine Ranieéri. Saúde e absenteísmo docente: uma breve revisão de literatura. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. Vol.05, Nº. 03, Ano 2014, p.2096-2114.

TAMAYO, A. **Estresse e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung; HALLAK, Jaime Eduardo Cecílio. Síndrome de *burnout* ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. **Rev. Psiq. Clín.** 34 (5); 223-233, 2007.

VASCONCELOS, Patrícia Silva. **Estresse profissional e síndrome de burnout: com a palavra, os docentes**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Fortaleza, 2016.
VIEIRA, I. Conceito(s) de burnout: Questões atuais da pesquisa e a contribuição da clínica. **RBSO**, 35(122), 269-276, 2010.

VIEIRA, Isabela; RAMOS, Andreia; MARTINS, Dulceia; BUCASIO, Érika; BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria; FIGUEIRA, Ivan; JARDIM, Sílvia. Burnout na clínica psiquiátrica: relato de um caso. **Revista de Psiquiatria Clínica do Rio Grande do Sul**, v. 28, n. 3, p. 352-356, set.-dez. 2006.

ZANELLI, Priscila Bayerl Boechat. **Síndrome de burnout em professores da rede pública de Seropédica e Itaguaí**: prevalência e fatores associados. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

Recebido em: 12/07/2020

Aceito em: 26/01/2021